

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA NA PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA ADOLESCÊNCIA

Tayná Tamara Abreu Mendes¹
Fernanda Amaral Resende²

RESUMO

Os adolescentes constituem um grupo altamente susceptível às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Neste contexto, os enfermeiros são peças fundamentais para trabalhar o conhecimento deste segmento populacional sobre as possíveis infecções que podem ser adquiridas através da relação sexual. O estudo que se classifica como descritivo de abordagem qualitativa, objetiva analisar a atuação dos enfermeiros da Atenção Básica na prevenção das IST na adolescência, averiguando os desafios enfrentados por esses profissionais no atendimento desse público. A coleta de dados foi feita no primeiro semestre do ano corrente, a partir de entrevistas semiestruturadas, individuais, com três enfermeiras atuantes na Atenção Primária à Saúde – APS no município de Sete Lagoas – MG. As informações obtidas foram submetidas à análise de conteúdo de Bardin. Os resultados mostraram que, apesar dos desafios de cunho socioeconômico, cultural e familiar, as ações de educação em saúde sexual desempenhadas pelos enfermeiros, como é o caso do programa saúde na escola, é uma estratégia imprescindível para a promoção do conhecimento e, conseqüentemente, para a prevenção das ISTs no público adolescente.

Palavras-chave: IST; Adolescência; Atenção Primária à Saúde; Educação em Saúde;

ABSTRACT

Adolescents are a group highly susceptible to Sexually Transmitted Infections (STIs). In this context, nurses are fundamental pieces to work with the knowledge of this population segment on the possible infections that can be acquired through sexual intercourse. The study, which is classified as descriptive with a qualitative approach, aims to identify the strategies of Primary Care nurses in the prevention of STIs in adolescence, investigating the challenges faced by these professionals in serving this public. Data collection was carried out in the first half of the current year, based on individual, semi-structured interviews with three nurses working in Primary Health Care - PHC in the municipality of Sete Lagoas - MG. The information obtained was submitted to Bardin's content analysis. The results showed that, despite the socioeconomic, cultural and family challenges, the sexual health education actions performed by nurses, as in the case of the school health program, is an essential strategy for the promotion of knowledge and, consequently, for the prevention of STIs in the adolescent public.

Key-words: STI; Adolescent; Primary Health Care; Health Education

¹ Graduanda de Enfermagem – FCV, e-mail: ttayna191@gmail.com;

² Mestre em Patologia UFV, Professora FCV, Membro da Câmara de Ensino Pesquisa e Extensão FCV, e-mail: feamaralresende@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência consiste em um período de significativas transformações biopsicossociais, repleto de mudanças e descobertas, notadamente com questões que envolvem a sexualidade (KERNTOPF *et al.*, 2016; ZOMPERO *et al.*, 2019). Uma preocupação proveniente desse processo de transição entre a infância e a fase adulta, trata-se do ímpeto adolescente em vivenciar novas experiências, sem levar em consideração as possíveis consequências e riscos à sua vida, como ocorre nas práticas sexuais precoces (CARVALHO *et al.*, 2014).

A prematuridade da vida sexual na adolescência pode ser caracterizada, levando em consideração a faixa etária e os graus deliberativos de maturidade afetiva e cognitiva do indivíduo, pelos padrões comportamentais sexuais, provenientes da primeira experiência sexual do adolescente (GONÇALVES *et al.*, 2015). Silva A. *et al.*, (2015) salientam que algumas pesquisas científicas, apontam os hábitos sexuais, por exemplo ter relações sexuais desprotegidas, como reflexos das ações do indivíduo no momento da iniciação da vida sexual na adolescência.

Os adolescentes, em geral, têm uma falsa percepção de serem invulneráveis, crenças equivocadas sobre a sexualidade, insuficiência de informação, nesse sentido, pode-se depreender que no início da vida sexual os adolescentes não estão preparados para lidarem com as práticas sexuais de forma segura, responsável, sem porem em risco à sua vida e a vida de outras pessoas (CARVALHO *et al.*, 2014; MONTEIRO *et al.*, 2015; CIRIACO *et al.*, 2019). Nessa perspectiva, infere-se que há uma grande relação entre o início da vida sexual de forma precoce e a transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), (ZOMPERO *et al.*, 2019).

Quanto mais cedo o indivíduo começa a se relacionar sexualmente com outras pessoas, maiores são as chances de aderir à comportamentos sexuais de risco, como o não uso de preservativos e o número elevado de parceiros no decorrer da vida, que constituem fatores vulneráveis à saúde (MORAES *et al.*, 2019; GONÇALVES *et al.*, 2015). A falta de prevenção no início da vida sexual é uma das grandes preocupações do Ministério da Saúde. O número de adeptos ao sexo com proteção está reduzindo, principalmente entre a população mais jovem, daí o aumento

considerável do número de ocorrências de IST no âmbito nacional nos últimos anos. São várias as complicações que podem surgir como consequência do não tratamento ou do tratamento inadequado das IST, como a Doença Inflamatória Pélvica (DIP) nas mulheres, a infertilidade e susceptibilidade à outras infecções em ambos os gêneros (NERY *et al.*, 2015; CARVALHO *et al.*, 2014)

As IST são apontadas como um problema de saúde pública mundial, são notificados anualmente aproximadamente 500 milhões de novos casos de IST no mundo (BRASIL, 2020). Quando se analisa o comportamento sexual dos adolescentes, pode-se perceber que esse grupo se expõe continuamente aos fatores de risco que podem levar à aquisição de IST, mostrando assim que falta discernimento sobre o perigo da prática sexual sem segurança. Desta forma, os enfermeiros são essenciais na educação em saúde dos adolescentes, trabalhando os saberes sobre as possíveis infecções que podem ser adquiridas através do sexo sem segurança, uma vez que são indivíduos que vivem uma fase de transformações físicas e morais. (SANTOS *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2015).

Nesse sentido, se torna relevante analisar a atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde (APS), no tocante a prevenção das IST a fim de minimizar a incidência destas patologias em adolescentes (DIAS, 2019). O Ministério da Saúde atribui fundamental importância à APS ao imputar à Atenção Básica o dever de “interferir nos modos e estilos de vida dos indivíduos, das famílias e das comunidades, contribuindo para a melhoria das condições gerais de saúde e cidadania e, dessa maneira, melhorando a vida de todos” (BRASIL, 2017, p. 12). (citação com aspas n pode)

Tendo em vista a importância da Atenção Primária à Saúde, por se tratar do ponto inicial de acesso ao sistema público de saúde, sobretudo, pela cooperação com as famílias, escolas e outras instituições, no desenvolvimento e na proteção dos adolescentes, optou-se pela análise da prática da enfermagem nessa seara (que isso?). A APS faz parte da Política Nacional de Atenção Básica e assegura à sociedade, de forma isonômica e com qualidade, a atenção às suas necessidades de saúde (BRASIL, 2012; 2017).

Além disso, importa destacar que apesar da existência de estudos na literatura que analisam os fatores associados às IST na adolescência, em virtude da dinâmica das evoluções sociais da adolescência no tempo, como a iniciação da vida sexual do adolescente cada vez mais precoce, a prevalência de novos casos de IST na adolescência, o presente trabalho justifica-se pela temática pertinente à realidade, e

que exige constante atualização na literatura, mostrando-se por ora, ser uma discussão atemporal e inesgotável.

Partindo do pressuposto que o início extemporâneo da vida sexual está relacionado com o desenvolvimento de comportamentos sexuais comprometedores à saúde, como as práticas sexuais sem proteção, colocando o adolescente em condição de maior vulnerabilidade às IST, buscou-se responder à pergunta motora deste trabalho, tal seja: Como se dá a atuação do enfermeiro da APS para a prevenção das IST na adolescência?

O presente estudo divide-se em cinco tópicos, sendo esta introdução o primeiro, no segundo tópico consta o referencial teórico que sustenta a discussão aqui proposta, no terceiro tópico, traz a metodologia adotada na pesquisa, o quarto tópico traz a análise e discussão dos resultados e o quinto e último traz as considerações finais sobre o tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao segmento populacional infanto-juvenil é assegurado, com absoluta prioridade, por força das disposições legais da Constituição Federal – CF/88 e do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, o atendimento integral e o acesso universal às ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde. (Artigo 196 da CF/88; artigos 4º e 11 do ECA). A adolescência que compõe a geração Z (nascidos entre 1995 e 2010) é caracterizada pelo Ministério da Saúde em concordância com a Organização Mundial da Saúde – OMS pelo período etário de 10 a 19 anos e define a juventude como a faixa etária dos 15 a 24 anos (BRASIL, 2017, p. 16), sendo que ambas compõem um grupo de risco para as IST.

Dentre os fatores associados à alta vulnerabilidade do público adolescente às IST, pode-se citar a iniciação das práticas sexuais de forma precoce, o uso irregular e infrequente de preservativos, a multiplicidades de parceiros sexuais, a ausência de atos preventivos, entre outros (CRUZ *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2019). Segundo Ciriaco *et al.*, (2019) a falta de percepção da própria vulnerabilidade é uma das principais causas ensejadoras do crescente número de adolescentes com IST.

As IST na adolescência tornaram-se um problema de saúde pública mundial. O número de novos casos de IST tem aumentado progressivamente no mundo. Estima-se que a cada ano, 1 entre 20 adolescentes adquira uma IST, com exceção da AIDS e das hepatites (CIRIACO *et al.*, 2019). Nery *et al.*, (2015) ainda salientam que, a prevalência dessas infecções é alta, sendo que 1 milhão de pessoas adquirem uma IST diariamente, e anualmente, 500 milhões de pessoas adquirem uma das IST curáveis, onde predominam as infecções por clamídia, gonorreia, tricomonas e sífilis (BRASIL, 2020).

A promoção da saúde dos adolescentes, em especial, a saúde sexual e seus reflexos na qualidade de vida no decorrer do seu desenvolvimento, impõe aos profissionais da saúde o desafio para a elaboração de estratégias mais eficazes de participação/adesão dos pacientes jovens (MOREIRA *et al.*, 2015) desde a prevenção até o tratamento de eventuais diagnósticos de IST. O Ministério da Saúde tem demonstrado preocupação com a saúde dos adolescentes, por intermédio da execução de ações e programas voltados à educação sexual e ao autocuidado, através da elaboração de políticas nacionais que visam promover, proteger e recuperar a saúde destes sujeitos e qualificar o trabalho em saúde para a prevenção de agravos e enfermidades, de assistência e de controle de doenças (BRASIL, 2017).

Transmitidas, sobretudo, pela via sexual (oral, vaginal e anal) sem o devido uso do preservativo, por diferentes agentes etiológicos (vírus, bactérias, fungo e protozoários), as IST podem acarretar complicações mais graves a depender do paciente, por vários fatores (cultural, socioeconômico, biológico etc.). Existem mais de 30 patógenos envolvidos nas IST sendo que os mais incidentes na adolescência são Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV), Hepatite B, Gonococos e Vírus do Herpes (HSV) (NERY *et al.*, 2015; ALVES *et al.*, 2017). Outras patologias relevantes são a sífilis, a clamídia e a tricomoníase e o Papiloma Vírus Humano (HPV) (DOURADO *et al.*, 2020).

Em concordância com Dourado *et al.*, (2020) a presença de IST prévias, é um fator de risco para aquisição de outras infecções, notadamente o HIV. Nessa esteira de pensamento, Peder *et al.*, (2019) destacam que a sífilis, bem como as outras IST, aumenta de duas a três vezes o risco de contrair HIV. Ciriaco *et al.*, (2019) salientam, que a aparição de uma IST, possibilita a contração ou transmissão do HIV. Nery *et al.*, (2015) alertam a importância do tratamento concomitante de infecções quando o

paciente apresentar síndrome de corrimento uretral, como é o caso da gonorreia e da clamídia, cuja possibilidade de coinfeção é entre 10-30% dos acometidos.

A gravidade dessas infecções justifica o incentivo à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento de qualidade e em tempo hábil, tratando assim em findar a cadeia de transmissão e, principalmente promover a prevenção frente às outras IST e suas complicações. Ainda que o adolescente infectado não manifeste nenhum sinal ou sintoma, “uma pessoa com IST nunca é só uma pessoa. É uma rede de parcerias sexuais que estão infectadas” (BRASIL, 2020, p. 45). Outro ponto importante é o reconhecimento de que a via de transmissão de uma determinada IST é mesma via de outras infecções (MONTEIRO *et al.*, 2015; MARQUES *et al.*, 2019).

Em geral, as pessoas não buscam tratamento para IST porque são assintomáticas e quando apresentam sintomas, estes são leves e quase imperceptíveis (BRASIL, 2020). Nesse sentido, Ciriaco *et al.*, (2019) salientam que muitas das IST possuem períodos assintomáticos ou os sintomas manifestam após longo período da transmissão, e em virtude da falta de conhecimento da maioria dos adolescentes sobre as IST, eles passam a disseminar tais infecções aos seus parceiros.

Os profissionais da área da saúde devem ser capacitados com habilidades e competências específicas no atendimento à adolescentes na atenção básica. Todavia, é importante se conscientizar acerca da imprescindibilidade em realizar o acolhimento/tratamento eficaz dos adolescentes, de forma estratégica, sobretudo, por estarem em fase de desenvolvimento e descobrimento, o que intensifica à vulnerabilidade a riscos à saúde. “Mobilizar a população jovem requer a adoção de metodologias participativas e inovadoras que incite o protagonismo juvenil” (NETTO *et al.*, 2017, p. 190).

O enfermeiro atua com base nas carências biopsicosocioespirituais do ser humano (CARVALHO *et al.*, 2014). No que diz respeito à atuação do enfermeiro na promoção da saúde do adolescente, tal profissional atua nas áreas preventivas, curativas e na educação em saúde. Nesta última, o enfermeiro promove conhecimento ao adolescente a fim de contribuir para o desenvolvimento da cidadania e a transformação da sua realidade (FREITAS, CARVALHO e ARAÚJO, 2017). O enfermeiro, no exercício da sua função de educador social, auxilia os adolescentes e seus cuidadores com suas questões sobre o exercício da sexualidade, especialmente

porque que os pais, em sua maioria, sentem-se inaptos a conversarem sobre tais temáticas (SANTOS *et al.*, 2017).

Marques *et al.*, (2019) ao analisarem a adesão dos adolescentes com HIV/Aids ao tratamento antirretroviral, concluíram que educação em saúde com pais e/ou filhos contribuiu significativamente para a participação dos adolescentes na terapia, principalmente, porque a realização de atividades educativas no âmbito da sexualidade transmite mais credibilidade aos profissionais de saúde e conseqüentemente mais confiança nessa relação entre adolescentes, cuidadores e profissionais da saúde.

Isto reforça a importância da promoção do conhecimento na abordagem do enfermeiro no momento de acolhimento do adolescente, ou seja, corrobora sobre a função de educador social desse profissional (SANTOS *et al.*, 2017; SILVA, 2018). É inegável a importância do papel do enfermeiro no tocante a educação sexual, que de acordo com Freitas, Carvalho e Araújo (2017) é estratégica básica para a prevenção e controle das IST na adolescência.

Nessa perspectiva, Zompero *et al.*, (2019) destacam o papel do enfermeiro na elaboração de estratégias e na orientação do adolescente no tocante a prevenção das IST e gravidez precoce no ambiente escolar, que conforme os autores, desempenha uma função essencial na formação do cidadão. Silva e Gomes (2020) classificaram, dentre as estratégias e os desafios dos enfermeiros frente à prevenção da sífilis, as ações educativas como essenciais para promoção, prevenção, controle, tratamento e diagnóstico das IST. Gonçalves *et al.*, (2015) salientam que as atividades educativas precisam ser implementadas, notadamente no início da adolescência, a fim de promover a prevenção de IST.

Pode-se observar que a educação em saúde, notadamente, saúde sexual, tem a capacidade de gerar conhecimento, emancipar e transformar a realidade dos adolescentes em relação às infecções sexualmente transmissíveis e prevenção das mesmas. Deste modo, fica claro a imprescindibilidade dos enfermeiros em desenvolverem e adotarem metodologias estratégicas e inovadoras de promoção de saúde (SOUSA, 2019; LEÃO e ABREU, 2019).

3 METODOLOGIA

Sob o ponto de vista dos métodos e técnicas de pesquisa científica as classificações metodológicas da discussão aqui proposta se dão da seguinte maneira: quanto à forma de abordagem, a pesquisa classifica-se como qualitativa, tendo em vista os aspectos dinâmicos e subjetivos do processo de pesquisa, bem como, por tratar-se de uma investigação específica, que busca analisar a atuação preventiva dos enfermeiros no âmbito da Atenção Básica de saúde. Quanto aos fins da pesquisa, classifica-se como descritiva, pois objetiva expor, registrar e descrever os fatos observados sem a interferência/manipulação do pesquisador, na pesquisa em tela, descrever as estratégias dos enfermeiros para a prevenção das IST em adolescentes. Quanto à sua natureza, a pesquisa classifica-se como aplicada, por ter como finalidade a obtenção de conhecimento sobre a atuação preventiva dos enfermeiros e aplicar para a mitigação da disseminação das IST em adolescentes. (PRODANOV, FREITAS, 2013)

A pesquisa foi realizada no município de Sete Lagoas – Minas Gerais. A cidade tem 536.928 km² de área territorial e 241.835 habitantes (IBGE, 2020, on-line). De acordo com o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde – CNES (DATASUS, 2020, on-line), o município possui 45 Estratégias da Saúde da Família – ESF, dentre elas, 3 Unidades Básicas de Saúde – UBS, 8 Centros de Saúde, 5 policlínicas, 5 hospitais, 1 pronto socorro especializado, 4 unidades móveis de nível pré-hospitalar na área de urgência, 3 centros de atenção psicossocial, 2 pronto atendimentos.

Importa destacar que em virtude da pandemia do COVID-19, código U07.1, a pesquisa teve algumas limitações no tocante a coleta de dados, como a impossibilidade da realização das entrevistas presencialmente, assim como uma observação direta no atendimento das enfermeiras com adolescentes. Além disso, inviabilidade do contato pessoal comprometeu a adesão de mais participantes, sobretudo, pela dificuldade em contatar com o maior número de enfermeiros, por isso a amostra analisada foi pequena, limitando-se a três participantes. Contudo, vale salientar que apesar de pequena, a amostragem foi suficiente para cumprir a finalidade deste trabalho.

Os critérios de inclusão foram: seleção de enfermeiras atuantes em unidade de Atenção Primária à Saúde no município de Sete Lagoas, MG, a concordância com os termos da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Já os critérios de exclusão do rol de seleção foram: àqueles

profissionais que estavam ausentes, de férias, licença médica etc. no momento da coleta de dados, ou desinteresse pela participação da pesquisa.

Em continuidade, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais, semiestruturadas, com roteiro preestabelecido e o instrumento de coleta foi um formulário elaborado pela autora, contendo seis perguntas. As entrevistas foram realizadas via mensagem de voz, por meio do aplicativo *WhatsApp*, e os áudios dessas foram gravados e transcritos. Com o intuito de preservar as informações pessoais dos entrevistados, foi enviado para cada um deles um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a realização desta pesquisa, foi feita a solicitação da autorização da coleta de dados para a Secretaria de Saúde de Sete Lagoas – MG. Além disso, foi observado princípios das resoluções nº 466 de 2012, 510 de 2016 e nº 580 de 2018 (BRASIL, 2012; 2016; 2018) e foi previamente encaminhado para o comitê de Ética via Plataforma Brasil.

As participantes da pesquisa são enfermeiras, totalizando em três, todas atuantes na Atenção Primária a Saúde (APS) no município de Sete Lagoas - MG. Com o intuito de preservar as informações pessoais das entrevistadas, a identificação dos participantes foi feita a partir da profissão e o número que indica sua colocação na sequência das entrevistas, por exemplo: enfermeira 1 e assim sucessivamente. O método de levantamento de dados utilizado foi igual para todas as entrevistadas que foram separadas a fim de comparar posteriormente os resultados individuais.

Todos os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin. A análise de conteúdo consiste em uma técnica de análise de dados qualitativos é dividida em três etapas - 1ª etapa: organização da análise que é subdividida em outras etapas (pré-análise; exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e a interpretação); 2ª etapa: codificação (recorte e enumeração) e a 3ª etapa: categorização (BARDIN, 1977).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram tratados de modo a se tornarem significativos e válidos, sobretudo, para melhor interpretação dos objetivos previstos. Foram adotadas quatro

categorias de análise essencialmente temáticas. Partindo da premissa que o início da vida sexual de forma precoce está associado à transmissão de IST e que os profissionais da saúde, notadamente, os enfermeiros, são desafiados a adotarem medidas estratégicas frente à prevenção de tais infecções, os dados obtidos a partir das entrevistas foram agrupadas nas seguintes categorias temáticas; 1) o adolescente da geração Z, 2) desafios enfrentados no atendimento do público adolescente e, 3) a atuação interdisciplinar do enfermeiro na prevenção das IST em adolescentes.

Categoria 1 - O adolescente da geração Z:

Analisar o adolescente da geração Z, ainda que em apertada síntese, é essencial para compreender os comportamentos sexuais desse público e entender o que os tornam mais susceptíveis a contraírem as IST. A fim de estabelecer as intervenções mais adequadas para a promoção e prevenção da saúde sexual e reprodutiva. Os adolescentes pertencentes a geração Z são àqueles nascidos entre o período de 1995 e 2010, tal classificação é originária do verbo inglês “*to zap*” e está associado a execução de atividades de forma rápida e entusiasta, nesse sentido, uma característica atribuída a esta geração é o acesso às informações com mais facilidade e celeridade (IZIDRO, 2019).

Contudo, é possível notar a partir da perspectiva das entrevistadas, que embora estes adolescentes tenham acesso a informação, eles optam pela não adesão as práticas sexuais preventivas. Condutas de riscos à vida como esta, fundadas em uma falsa percepção de invulnerabilidade, faz que com os adolescentes sejam tratados como grupo de maior vulnerabilidade à contração de IST (MOREIRA *et al.*, 2015). Dos resultados obtidos, foi possível constatar algumas características dos adolescentes à luz da percepção das profissionais entrevistadas, que reforçam esta preocupação:

[...] não tem relacionamento sério, não mantém uma responsabilidade ainda de vida, faz tudo muito sem pensar, e com isso a gente fala que eles não pensam nas ações futuras [...] a falta de maturidade, falta de responsabilidade dos seus atos. (Enfermeira 1)

[...] é a fase de querer a liberdade, de fazer as coisas, de se aventurar, mas "aventurar no escuro". É a fase da irresponsabilidade, é a fase da falta de juízo. Fase de festas, das baladas, dos encontros, aí acabam bebendo e esquecem de tudo que já viu, porque informação está tendo aí [...] (Enfermeira 2).

Depreende-se que apesar do conhecimento, o adolescente não tem discernimento para lidar com a sexualidade, e essa dificuldade, conforme Cruz *et al.*, (2018) aumenta os riscos de IST, bem como de gravidez indesejada. Nessa lógica, Ciriaco *et al.*, (2019) salientam que, em geral, são nas primeiras experiências sexuais que as IST são contraídas, notadamente, em jovens inexperientes e despreparados psicologicamente. A falta de maturidade afetiva e cognitiva naturais da adolescência, está relacionado a definição de padrões sexuais comportamentais no início da vida sexual precoce e riscos à saúde para o futuro. (SILVA A. *et al.*, 2015; GONÇALVES, *et al.*, 2015)

Categoria 2: Desafios enfrentados no atendimento do público adolescente

A segunda categoria compreende os desafios constatados pelas enfermeiras no atendimento aos adolescentes. Preliminarmente, importa destacar o art. 2º da Resolução nº 358, de 2009, do Conselho Federal de Enfermagem que sintetiza o processo de enfermagem em: coleta e dados de enfermagem, diagnóstico de enfermagem, planejamento de enfermagem, implementação e avaliação de enfermagem. A partir dos resultados, foi possível constatar algumas pontuações feitas pelas entrevistadas, vistas aqui como desafios ao tratamento e acolhimento do público adolescente:

A frequência do Adolescente em uma Unidade Básica de Saúde não é muito grande, na verdade é menor do que aquilo que a gente espera. No geral, para o adolescente sair de sua residência ir até uma unidade de saúde, tem que estar com algum sinal/sintoma bem aguçado, fora isso eles não procuram muito a unidade de saúde. (Enfermeira 1)

Os desafios enfrentados ao trabalhar com adolescente é justamente a adesão e a vergonha que alguns deles ainda têm, e às vezes quando quer ir na ESF a mãe fica em cima [...] e quando se trabalha por exemplo em escolas, no geral eles levam um pouco para brincadeira, ficam de deboche, ficam

brincando com as coisas [...] A prevenção não é interessante, o sexo interessa, mas prevenir não. (Enfermeira 2)

Os adolescentes estão mais sujeitos a contraírem as IST exatamente pela desinformação, quando você pega áreas mais carentes, você vê que isso vem de casa e que a forma que eles crescem, é a forma que o pai e a mãe foram criados. Então o sexo chega muito mais cedo na vida desses adolescentes [...] a maioria que procura geralmente é o público feminino solicitando métodos contraceptivos [...]. É um público sem muita experiência [...] (Enfermeira 3)

No que diz respeito ao desinteresse pela prevenção destacado pela enfermeira 2, pode-se dizer que tal hábito está diretamente relacionado ao início precoce do exercício da sexualidade, que conforme salientado pela enfermeira 3, em geral, está relacionado ao fator cultural familiar, onde os filhos reproduzem as ações dos seus pais, principalmente pela desinformação dos adolescentes sobre as questões da vida sexual.

Nesse sentido, Gonçalves *et al.*, (2015) destacam que a prática sexual precoce é um fator desencadeador de prejuízos à saúde, com consequências negativas na vida do adolescente que apresentam comportamentos considerados de risco à saúde, como ter relação sexual desprotegida. Nesse seguimento, Zompero *et al.*, (2019) salientam que os adolescentes têm uma falsa percepção de invulnerabilidade associada ao conhecimento superficial sobre IST, métodos contraceptivos e gravidez precoce.

Além disso, a percepção da enfermeira 2 em relação a vergonha e adesão do adolescente ao tratamento citados como enfrentados no cuidado com esse público dialoga com o disposto por Fonseca *et al.*, (2020) ao afirmar que a vulnerabilidade do adolescente às IST está também relacionada ao desconhecimento dos adolescentes sobre o próprio corpo, que pode ser advindo da timidez ou vergonha, e conseqüentemente, os torna mais propensos aos riscos inerentes numa relação sexual.

Por fim, em relação a busca dos adolescentes por tratamento ou aconselhamento e a baixa adesão, pode-se observar conforme destacado pela enfermeira 1 e 3, a predominância do público feminino. Esse fato perpassa por aspectos sociais e culturais como a valorização exacerbada da masculinidade, o que

explica o início da vida sexual dos meninos antes das meninas, além do maior número de parceiros (GONÇALVES *et al.*, 2015).

Importa destacar que diante da baixa adesão do público adolescente nas consultas de enfermagem, cabe gerar estrategicamente uma maior aproximação desse público com os serviços de saúde. Nesse sentido, pode-se perceber que diante dessa baixa adesão, destaca-se o auxílio da equipe multidisciplinar, conforme pode ser notado a seguir, bem como, o programa saúde na escola, que em geral consegue angariar mais participantes.

A principal ação que a gente faz para poder atingir esse público alvo, é através de roda de conversa, de bate-papo bem informal mesmo, na linguagem específica do adolescente e para que isso aconteça, como já é um público de difícil acesso, a gente pede muito ajuda dos ACS, para bater de porta em porta, fazer uma busca ativa, chamar para o momento mais lúdico, para ver se a gente consegue atingir um pouco mais esse público. (Enfermeira 1)

[...] as práticas de educação em saúde para redução de IST são importantíssimas, a educação em todo setor é importante, mas a educação em saúde sexual, educação sexual, é muito importante [...] importância da educação é fundamental e o programa saúde na escola é um programa maravilhoso que é onde a gente consegue mais desenvolver as ações de educação (Enfermeira 2)

Categoria 3: A atuação interdisciplinar do enfermeiro na prevenção das IST em adolescentes

O enfermeiro atua em diferentes áreas da saúde, dentre elas na saúde do adolescente no âmbito das Estratégias de Saúde da Família – ESF. As atuações desempenhadas nas ESF são realizadas por uma equipe multidisciplinar, equipe esta em que o enfermeiro está enquadrado. É importante destacar que as funções de todos os profissionais são importantes. Dentre as medidas preventivas existentes, destaca-se as ações de orientação e esclarecimento de dúvidas, a contribuição na propagação de informação adequada sobre contracepção e prevenção das ISTs aos adolescentes.

Quando eles nos procuram, são informados sobre as doenças sexualmente transmissíveis, é abordada a questão do uso do preservativo, mesmo sendo um parceiro que eles acreditam ter segurança, mesmo se for uma pessoa que já mora junto, já é amasiada, já é casada, então, tudo isso, é informado a população. (Enfermeira 3)

Nessa senda, Carvalho *et al.*, (2014) destacam que o enfermeiro, a partir da metodologia da educação em saúde, contribui para a construção do conhecimento do adolescente, influenciando o seu estilo de vida e conseqüentemente coopera para autonomia de suas próprias decisões e de seu comportamento sexual. Silva e Gomes (2020), em sua pesquisa exploratória com objetivo de caracterizar o perfil epidemiológico da sífilis, constataram que o acolhimento receptivo do paciente, o que estabelece maior vínculo e confiança entre paciente e o profissional da saúde, contribui tanto na sua aceitação ao tratamento como na mudança de hábitos e conseqüentemente, diminui a transmissibilidade da IST.

Ainda sobre as ações interdisciplinares realizadas para a prevenção e tratamento das ISTs em adolescentes, destacam-se as ações de promoção à educação em saúde e saúde e educação sexual, conforme a seguir:

Das ações realizadas, a maioria delas era no programa saúde da escola onde tem palestras com enfermeiro, psicólogo, assistente social, equipe multidisciplinar do NASF [...] ações de prevenção falando de cada IST, métodos de contracepção, porque muitos acham que usar camisinha é só para não engravidar. (Enfermeira 2)

A importância das práticas de educação em saúde para redução das IST, é de nível fundamental na atenção primária, não só para os adolescentes, mas para a questão familiar, para nós tentarmos reeducar essa questão cultural. Principalmente quando a gente pega áreas carentes, como a que eu trabalho atualmente. Para reeducar a população, levar a informação às suas residências em busca de minimizar os riscos de doenças sexualmente transmissíveis. (Enfermeira 3)

Das estratégias adotadas pelos enfermeiros, a integração saúde-educação é essencial e viabiliza, ao promover a saúde sexual e reprodutiva, a redução da vulnerabilidade dos jovens. Em concordância com Moreira *et al.*, (2015) é imprescindível que o atendimento à saúde seja intersetorial, isto é, não se limite ao

âmbito hospitalar e dos centros de saúde sendo que a escola também é uma grande aliada para o fortalecimento da atenção primária de saúde.

Nessa perspectiva, Freitas, Carvalho e Araújo (2017) afirmam que as ações de educação em saúde são elementos transformadores do cuidado a saúde dos adolescentes, principalmente por fazer com que o adolescente reflita sobre suas práticas sexuais. Nesse processo de discussão e reflexão, gera-se a autonomia e a modificação de comportamentos. No mesmo sentido, Fonseca *et al.* (2020) destacam que as tecnologias educacionais auxiliam no conhecimento e orientam para uma vida sexual adequada, conduzindo à percepção de fatores de risco. Em continuidade, os autores salientam que o enfermeiro, na sua função de educador em saúde, tem o dever de sensibilizar o autocuidado e a autonomia nas relações pessoais, o que consequentemente transforma a realidade dos adolescentes.

Em tempos de pandemia, as tecnologias tornaram-se aliadas para a continuidade das atividades da educação em saúde vantagem da geração Z, conforme foi exposto anteriormente, trata-se do acesso à informação e a tecnologia com mais facilidade, os adolescentes dessa geração estão imersos tecnologicamente. Com base nisso, é estratégico utilizar destes meios eletrônicos para influenciar e aproximar estes adolescentes para a promoção da educação (MIRANDA, *et al.*, 2019). Uma iniciativa que merece ser aventada, é produção da websérie com temas de saúde e cidadania, desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Saúde de Sete Lagoas, por intermédio da Atenção Primária à Saúde, da equipe do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica – NASF, lançado recentemente. Tal medida foi tomada, principalmente pela impossibilidade de se realizar as ações de educação em saúde nas escolas, por força da pandemia do COVID-19.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre o início precoce da vida sexual em adolescentes e a incidência de IST é preocupante. A associação entre o início extemporâneo da vida sexual e a susceptibilidade às IST é apontada em várias pesquisas científicas. Sem incorrer no erro de determinar a idade considerada adequada para o exercício das práticas sexuais, uma preocupação proveniente deste período de transformações entre a

infância e a fase adulta, consiste na influência que a prematuridade sexual pode exercer na criação de padrões comportamentais sexuais deste adolescente, como por exemplo o não uso de preservativo nas relações sexuais, e que podem permanecer pelo resto da vida do adolescente.

A atuação preventiva do enfermeiro pode se dar, desde o aconselhamento e clarificação de dúvidas nas unidades de atenção básica durante as consultas de enfermagem, como também as ações de educação em saúde, realizadas em cooperação com as escolas. Esta última destacou-se em virtude de angariar um maior número de adolescentes, pois em geral, é pouco frequente a presença deste segmento populacional nas consultas de enfermagem. Nesse sentido, dentre as formas de atuação do enfermeiro para a prevenção das IST na adolescência, destaca-se o exercício da função de educador social.

A educação em saúde é um fator importante na prevenção das IST sendo uma estratégia inovadora para mobilizar o público adolescente a se conscientizar sobre a importância dos cuidados com a saúde sexual, e conseqüentemente, viabilizar o protagonismo juvenil. As medidas de educação em saúde desenvolvidas pelo enfermeiro são essenciais pois é através dessa medida que ele consegue, na linguagem do adolescente, promover ações educativas e de alguma forma, reeducar os adolescentes com essas questões de saúde sexual.

Como limitações deste estudo, salienta-se o fato da pandemia do COVID-19 impossibilitar a realização das entrevistas pessoalmente, assim como uma observação direta no atendimento das enfermeiras com adolescentes. Nesse sentido, sugere-se para futuros trabalhos, um acompanhamento na rotina dos enfermeiros no momento do atendimento aos adolescentes, bem como, a participação nas ações educativas nas escolas, contribuindo assim, para o aprofundamento da importância do enfermeiro, tal como, das intervenções adotadas frente à prevenção das IST.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Coelho. *et al.* IST'S na adolescência. **V Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem**, ISSN 2448-1203., v. 3, n. 1, 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. **São Paulo: Persona**, 1977.

BRASIL. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) - 2020. **Departamento de Doenças de Condições Crônicas e infecções Sexualmente Transmissíveis, Secretaria de Vigilância em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. 1.ed. 2020.

BRASIL. Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2012. (Série E. Legislação em Saúde)

CARVALHO, K. E. G. *et al.* Adolescência e sexualidade: Reflexões para a prática da enfermagem em educação em saúde. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 8, supl. 1, p. 2522-2527, jul, 2014.

CIRIACO, N. L. C. *et al.* A importância do conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 18, n.1, p. 63-80, jan/jun. 2019.

CRUZ, L. Z. *et al.* Conhecimento dos adolescentes sobre contracepção e infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 7-18, abr/jun 2018.

DIAS, M. S. de. Síntese de evidências para políticas de saúde; enfrentamento da sífilis congênita no âmbito da Atenção Primária à Saúde. **(Dissertação)**. **São Paulo: Escola de Enfermagem**, Universidade de São Paulo, 2019.

DOURADO, E. S. *et al.* Aspectos epidemiológicos e clínicos dos pacientes atendidos num serviço de referência em IST. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, jul/aug 2020, p. 9579-9596.

FREITAS, N. O. de; CARVALHO, K. E. G.; ARAÚJO, E. C. de. Estratégia de educação em saúde para um grupo de adolescentes do Recife. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 29-36, jan/mar 2017.

GONCALVES, H. *et al.* Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v.

18, n. 1, p. 25-41, mar. 2015.
DOI: 10.1590/1980-5497201500010003.

IZIDRO, C. M. **A atuação do enfermeiro na prevenção da gravidez precoce.** Dissertação (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes, 2019. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/2544>. Acessado em: 29 nov. 2020.

KERNTOPF, M. R. *et al.* Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 106-113, setembro 2016.

LEÃO, C. C.; ABREU, R. F. de. **Assistência de Enfermagem Preventiva Para a sífilis na Adolescência.** Dissertação (Graduação em Enfermagem) – Centro Universitário de Goiás, Uni-Anhanguera, Goiânia, 2019.

MARQUES, M. S. da *et al.* Adesão ao tratamento antirretroviral entre adolescentes vivendo com HIV/Aids: Revisão Interativa da Literatura. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 110-119, abr/jun 2019.

MIRANDA, S. A. de; *et al.* Sexualidade na adolescência e a importância das tecnologias como cuidado de saúde: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 28, p. e922, 13 ago. 2019.

MORAES, L. de *et al.* Iniciação sexual precoce e fatores associados: uma revisão da literatura. **Revista: Psicologia, Saúde & Doenças**. Lisboa, v. 20, n. 1, p. 59-73, mar. 2019.

MOREIRA, W. C. *et al.* Ações educativas do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente. **Revista Interdisciplinar**. v. 8, n. 3, p. 213-220, jul/ago. 2015.

MONTEIRO, M. O. P. *et al.* Fatores associados à ocorrência de sífilis em adolescentes do sexo masculino, feminino e gestantes de um centro de Referência Municipal/CRM – DST/HIV/AIDS de Feira de Santana, Bahia. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 21-32, jul/set 2015.

NERY, J. A. C. *et al.* Infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. **Residência Pediátrica**, v. 5, 3 supl. 1, p. 64-78, 2015.

NETTO, J. J. M. *et al.* Atenção à saúde do adolescente na estratégia Saúde da Família: do individual ao grupal. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 189-193, abr/jun 2017.

OLIVEIRA, R. B. B. de. *et al.* Sífilis em gestantes adolescentes de Pernambuco. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 47-55, abr/jun 2019.

PEDER, L. D. de *et al.* Aspectos epidemiológicos da sífilis no sul do Brasil: cinco anos de experiência. **Revista EVS - Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, Goiânia, v. 46, p. 33-43, jun. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul, Universidade FEEVALE, 2013

SANTOS, D. S. da *et al.* Sexualidade na adolescência: contaminação de IST'S. **In: Congresso Internacional de Enfermagem – Aracaju – SE**. Anais v. 1, n. 1, p. 9-12, CIE, 2017.

SILVA, A. *et al.* Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 6, n. 3, p. 27-34, set. 2015.
Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232015000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 dez. 2020.

SILVA, D. V. *et al.* Dialogando sobre sexualidade na adolescência: um relato de experiência através do programa saúde na escola. **Revista de enfermagem UFPE on-line**, Recife, 9 (Supl. 5):8486-92, jun., 2015.

SILVA, P. G. da. Assistência de enfermagem para prevenção e manejo da sífilis: validação de material educativo. **Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo**, Ribeirão Preto, 2018.

SILVA, T. S.; GOMES, E. N. F. O perfil epidemiológico da sífilis no município de Vassouras - estratégias e desafios dos enfermeiros da atenção básica para promoção e prevenção da sífilis. **Revista Pró-UniverSUS**; 11 (1): 46-54. Jan./Jun. 2020.

SOUSA, Francisco Renato Silva de. Atuação da enfermagem na prevenção da Sífilis congênita na atenção primária. **Dissertação (Graduação em enfermagem) – Faculdade Pitágoras**, Fortaleza, 2019.

ZOMPERO, A. F. *et al.* Educação para saúde e interface universidade escola: oficinas pedagógicas desenvolvidas por graduandos de enfermagem sobre o tema IST e contraceptivos. **Revista Saúde em Redes** - Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 161-175, 2019.